TURISMO COMO VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA E DO PATRIMÔNIO CULTURAL DOS GAÚCHOS NA CIDADE DE FOZ DO IGUAÇU

Andressa Szekut

RESUMO

O trabalho busca entender a formação do patrimônio cultural gaúcho na cidade de Foz do Iguaçu, analisando sua migração e a constituição de sua memória coletiva. Busca compreender a importância da preservação da memória social deste grupo e analisar como a atividade turística pode beneficiá-lo, com a conservação de seu patrimônio e a valorização de sua identidade cultural. Pauta-se em análises construídas a partir de pesquisa bibliográfica e de campo. Os resultados elucidam o processo migratório para a região, a construção de representações da memória e da identidade gaúcha manifestadas através de referências do patrimônio material e imaterial vinculado ao grupo dos gaúchos, que tem potencial para o turismo cultural, devidamente planejado, visando a preservação de sua identidade cultural.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural - Turismo – Memória – Gaúcho.

Introdução

As cidades no Oeste do Paraná foram formadas, na sua maioria, por migrantes e imigrantes de distintas localidades. Um exemplo específico dessa situação é Foz do Iguaçu. Porém, esta urbe toma evidência pela sua acentuada pluralidade cultural, pois foi destino de fixação de muitas culturas, sendo algumas expressivas como a dos árabes e paraguaios. Será ela a referência para nossas reflexões. Contudo, delimitamos nosso recorte ao processo de migração de sul riograndenses para o Oeste do Paraná, procurando identificar a relação entre a memória do ser gaúcho e sua consolidação na afirmação do patrimônio cultural material e imaterial visíveis nesta cidade.

Foz do Iguaçu é conhecida mundialmente pelas belezas naturais das Cataratas do Iguaçu e pela produção de energia vinculada a Itaipu Binacional. Tamanha é a imponência destas características que, normalmente, sua formação

cultural é ofuscada. Essa situação serve como justificativa ao nosso trabalho, uma vez que pretende dar visibilidade às memórias e ao patrimônio cultural de gaúchos na cidade e permitir diálogos com a possibilidade de inserção dessas referências culturais na atividade turística da cidade.

A partir desta delimitação, em um primeiro momento recorremos ao levantamento bibliográfico sobre o processo migratório de formação do Oeste do Paraná. Ele possibilitou identificar as correntes migratórias ocorridas a partir do final do século XIX, que exploraram e ocuparam a região. Porém, o recorte da coleta de dados deu ênfase na população gaúcha que se estabeleceu neste território e a construção e manutenção da cultura e memória coletiva. Esses dados possibilitaram a definição de um mapeamento da presença deste grupo em nível regional.

Em segundo lugar, a partir das observações de campo, foi possível identificar no Inventário turístico da cidade de Foz do Iguaçu onze estabelecimentos que possuem características da cultura gaúcha. Ao mesmo tempo, foram feitas visitas aos Centros de Tradições Gaúchas Charrua e Estância Crioula, assim como ao Restaurante Recanto Gaúcho, que são espaços dedicados a manutenção da memória gaúcha e difusão de suas tradições. Além disso, realizamos pesquisas juntos as rádios da região para identificar programas de cunho cultural gaúcho.

Cabe ressaltar, que todo esse trabalho se ancora em análises conceituais sobre patrimônio cultural, cultura gaúcha, memória, tradições e turismo. Pois servem com alicerces para entender a formação do patrimônio cultural gaúcho da cidade, e quais podem ser os efeitos da atividade turística sobre ele. Cabe destacar, que nestas análises consideramos que a atividade turística deve ser um meio para a preservação e conservação do patrimônio desse grupo.

Por fim, cabe frisar que tanto a pesquisa bibliográfica, como o de campo seguiram os objetivos de identificar a formação do patrimônio cultural gaúcho na cidade e de compreender a importância da preservação da memória social deste grupo, e a possibilidade de implantação do turismo cultural para a sua valorização.

As migrações para o oeste do Paraná

As análises sobre o oeste paranaense remetem para uma realidade de

fronteira vivenciada historicamente de forma plural. Segundo Ruy Wachowicz (2002, p. 231), entendesse por oeste paranaense o território compreendido entre os rios Guarani, Iguassu, Paraná e Piquiri. Essa região esteve de certa forma, por muito tempo, abandonada pelas autoridades brasileiras e era alvo da exploração de suas riquezas naturais. Somente em 1889, com a implantação da Colônia militar em Foz do Iguaçu, que iniciou a regulamentação das atividades extrativistas e cobrança de impostos (KLAUCK, 2005, p. 253-254).

Por sua vez, a colonização da região, no século XX, resultou de uma ação conjunta entre Estado e iniciativa privada, ficando sob responsabilidade das empresas colonizadoras, a ocupação do território. Estas, primeiro praticavam o extrativismo, utilizando-se de mão de obra estrangeira e logo a venda de terras para migrantes (GREGORY, 2002).

Na época, deu-se muita ênfase na escolha do elemento humano para ocupar esse território, pois deveriam ser aptos para não apenas ocupar mas também para trabalhar a terra e colonizar a região. Conforme destaca Samuel Klauck (2005, p. 362)

> "Essas movimentações merecem destaque, não só pelos discursos que as motivaram, mas igualmente porque a partir delas se reconheceu o "Corpo da Pátria", através da ação diária destes "Praticantes do Espaço", que transformariam grande parte do Sertão do Oeste, não só no Paraná, mas no Brasil. E se não criaram uma identidade nacional, vivenciaram e construíram identidades a partir de momentos específicos da colonização, reafirmando, em alguns casos, uma identidade regional e identidade individual de pioneiro/desbravador, identidades que não deixam de estar ligadas ao desenvolvimento da nação."

Os migrantes escolhidos para ocupar a região foram prioritariamente os sul-riograndenses e catarinenses que já tinham experiência com o trabalho agrário. Eles foram incentivados e levados a acreditar que o oeste paranaense possuía terras férteis a serem desbravadas. Dessa ação resulta o enaltecimento do sentimento de pioneiro dos agricultores sulistas que pode ser percebida na afirmação da identidade regional deste grupo.

Neste processo, segundo Valdir Gregory (2002, p. 93)

> "Estas empresas montavam seus planos de ação contemplando preocupações com o elemento humano, com a pequena propriedade, com a

> policultura e com a industrialização. Selecionar agricultores que se adaptassem a região implicava em buscar o elemento humano euro-brasileiro do sul do Brasil, ou seja descendentes de alemães, de italianos e de outros imigrantes acostumados com a lida agrícola colonial na pequena propriedade."

Esses migrantes trouxeram para o oeste paranaense sua memória e identidade cultural. Estas características imprimiram suas feições neste espaço, através de suas experiências e conhecimentos aplicados à ocupação regional, como também nas suas representações e símbolos difundidos pelos seus usos e costumes. Ou seja, foram construindo um sentimento de pertencimento a esse espaço inserindo nele suas manifestações de cultura. Essa situação pode ser corroborada a partir de Pollak (1992 p.5), ao falar da importância da memória nesse processo. Segundo ele,

> "[...] *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade,* tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si."

A partir dessa compreensão é possível aferir a importância da memória sul-rio-grandense para a formação da identidade cultural do oeste paranaense e, em especial, na cidade de Foz do Iguaçu. Este grupo, definido como gaúcho teve uma relevante representatividade para a colonização da cidade e, conseqüentemente, na formação de seu patrimônio cultural, pois difundiram e difundem suas manifestações culturais através de diversos meios fazendo com que a sociedade, mesmo não sendo gaúcha, se identifique com sua cultura.

Isso pode ser definido a partir do que se entende por *ser gaúcho*. Segundo Brum Neto e Bezzi (2008 p, 153),

> "O gaúcho é o habitante do Rio Grande do Sul, que cultua traços característicos e, através desses, demonstra as particularidades intrínsecas ao contexto regional, observadas via inserção de códigos culturais diferenciados de acordo com a etnia de origem. No entanto, considera-se que, no contexto geral, forma o povo gaúcho. Esse se reconhece e se identifica mediante simbologias comuns, materializadas via costumes e tradições que originam formas e hábitos particulares, que remetem a um modo de vida singular se comparados a outras porções do País."

A caracterização da autora nos remete ao fato de que o *ser gaúcho* foi

formado por uma interação de culturas diferentes começando com a miscigenação entre portugueses, africanos e indígenas e, logo, com a influencia da migração alemã, italiana, polonesa e japonesa fixadas no Rio Grande do Sul, formando assim, nesse processo, a identidade diferenciada do gaúcho. Ainda, permite entender que para se *ser gaúcho* é necessário compartilhar um sentimento identitário comum por hábitos particulares. Isso significa que não é preciso morar no Rio grande do Sul para ser gaúcho, mas sim, vivenciar as práticas e costumes comuns que existem entre esse grupo.

Dessa forma, tornam-se compreensíveis os sentidos da criação e manutenção dos Centros de Tradições Gaúchas – CTG's, em todo o mundo. Eles desempenham a função de reproduzir, de forma mais precisa possível, a vida e os costumes do ser gaúcho tradicional que habita o Rio Grande do Sul. Podemos identificar isso na pesquisa de campo no CTG Charrua em Foz do Iguaçu, onde um dos seus representantes definiu que "Ser Gaúcho não significa ser sul-riograndense, mas sim, vivenciar os usos e costumes herdados e se identificar com a cultura gaúcha". Isso no leva a entender a diferença do *nós* e dos *outros* dentro da sociedade, onde cada um constrói o seu espaço segundo sua identidade em um processo contínuo de negociação.

Todo esse processo, ora apresentado, deve ser compreendido de forma progressiva. Pois, a vinda e a fixação deste migrante à Foz do Iguaçu pode ser identificada, segundo Waschowicz(1987), já nas primeiras décadas do século XX. Contudo, o deslocamento substancial de grandes contingentes de populações do Rio Grande do Sul, ocorrerá em duas fases posteriores, sendo a primeira desencadeada a partir da década de 50, e a outra com o início das obras da construção da usina hidrelétrica de Itaipu (Catta, 2003).

Representações da cultura gaúcha em Foz do Iguaçu: CTG's, restaurantes e programações radiofônicas

O migrante sul-riograndense pode ser compreendido de diversas formas, mas procuraremos destacar prioritariamente os aspectos culturais relacionados a ele e a permanência e/ou continuidade de aspectos identitários vinculados a memória desta

população. De forma geral, isto pode ser percebido através do linguajar, das vestimentas, da alimentação, dos hábitos e dos costumes presentes entre as pessoas, através da criação de espaços específicos como os CTG's, restaurantes considerados “tipicamente gaúcho” e programações radiofônicas que se inseriram neste novo espaço, constituindo assim, um patrimônio singular.

A partir desta delimitação, as análises se concentram em distintas representações gaúchas na cidade de Foz do Iguaçu, possíveis através de visitas de campo aos CTG's e entrevistas com pessoas representativas da sociedade gaúcha, que nos mostraram sua visão sobre as atividades culturais exercidas na sociedade e um pouco sobre a história e estruturação dos gaúchos em Foz do Iguaçu.

Um primeiro destaque pode ser dado ao Centro de Tradições Gauchas Charrua. Este é o maior CTG de Foz do Iguaçu e foi criado em cinco de maio de 1985 por migrantes sul-riograndenses que já moravam na cidade. Tem como seu maior objetivo construir um ambiente familiar onde possam desenvolver suas manifestações culturais costumeiras, assim como já acontecia nas cidades vizinhas de São Miguel, Medianeira e Santa Helena, conforme identificado nas memórias do CTG publicadas através de uma obra feita com a colaboração dos sócios (Batista, 2005).

O CTG surge, então, a partir de alguns sujeitos que difundiram suas idéias na comunidade. Um detalhe a ser observado é a grande adesão de migrantes de outras regiões aos costumes difundidos pelos gaúcho na região através da suas memórias. Aqui se corrobora a assertiva de Pollak (1992, p. 201), sobre o papel da memória coletiva. Segundo o autor a "memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes." (inserir página)

Essa percepção nos leva a entender o sentido de identificação dos migrantes de diferentes localidades com os símbolos culturais gaúchos. Pois, a interação de diferentes culturas, sejam estrangeiras ou regionais, vivendo em uma mesma situação de migração e colonização, acabaram se aproximando da cultura gaúcha. Esta por sua vez, acaba incorporando os *outros* nas suas manifestações, pela transmissão de suas tradições, usos e costumes que são difundidos no seu

cotidiano da cidade. Esse processo fez com que os indivíduos de identidades culturais distintas interagissem entre si aderindo também à memória do *ser* gaúcho como sua, como se fosse, na acepção de Pollak (1992) uma "memória herdada".

Em outra situação, a partir de entrevistas feitas com representantes do CTG Charrua, pôde-se perceber que ele é organizado e vivenciado como uma prática de estância, pois a diretoria é conhecida por “Patronagem” que é composta por Patrão, Capataz Geral, Primeiro Sota Capataz, Segundo Sota Capataz, Primeiro Guaiaca, Segundo Guaiaca, Terceiro Guaiaca. Esta distribuição é seguida do “Conselho de Vaqueanos” os “Prendas” e os “Posteiros” e o "Chiru das Falas". Cada uma dessas subdivididas novamente e com suas distintas funções dentro das atividades que se dividem em Cultural, Artística, Campeira, de Esportes e Fogo de chão. Toda assa alusão a vida campeira serve para reconstruir e manter acesa a memória do *ser* gaúcho frente ao não *ser* vivenciado pela sociedade em geral.

Como é expresso na obra de suas memórias, o motivo da fundação do CTG encontra sua explicação na busca de se ter um lugar onde fosse possível reunir um grupo de pessoas para “matar a saudade” da sua terra natal. Isso seria possível através das manifestações artísticas. O objetivo foi alcançado através da organização de atividades culturais divididas em cinco partes. Em primeiro lugar sobressai o setor Cultural que se ocupa com os valores individuais em geral. Neste se destacam a declamação, os causos, a prosa, o verso, a poesia, o violão, a gaita entre outros. Essas atividades ocorrem em exposições feitas em todas as programações do CTG.

Por sua vez, o setor Artístico é responsável pela parte de dança. Quando da realização da pesquisa (2009-2010), o Charrua contava com 150 participantes sendo duas turmas de “mirim”, duas turmas de “juvenil”, uma turma de “adulto” e uma turma de “veteranos”. Todos esses grupos têm aulas semanalmente com professores contratados pelo CTG. Comumente eles participam de apresentações regionais, como em rodeios campeiros[1], encontros culturais e apresentações em instituições particulares. Cabe ressaltar, como aponta Brum Neto e Bezzi (2008), que estas manifestações tem uma origem plural, formada com a mescla de danças espanhola,

[1] Significa a prática de separação do gado nas estâncias. Atualmente os rodeios são atividades culturais onde os gaúchos se encontram para competições relacionadas à vida de campo e atividades culturais tradicionais.

portuguesa, nordestina, açoriana, italiana, polonesa, alemã, africana e também asiática, culturas essas existentes na formação da identidade cultural gaúcha.

A terceira parte, a Campeira, também é uma atividade característica dos CTGs. Nesta se destaca o rodeio crioulo, que se baseia em uma lida de campo, sendo que o Charrua possui cavalos e um espaço dedicado a essas práticas. Durante um rodeio crioulo são feitas competições, entre as quais as mais populares são o tiro de laço[2], prova de rédeas[3], gineteadas[4]. Todas elas têm a finalidade de ensinar as lidas de uma estância. Uma quarta parte está associada ao Esporte do gaúcho que é a Bocha. Cabe destacar que o CTG tem quadras oficiais desse esporte nas quais são realizados torneios, alguns fechados e outros abertos.

E, por ultimo, se destaca a atividade Fogo de Chão. Esta é realizada em um galpão reservado aos gaúchos mais tradicionalistas chamados de "missioneiros". Neste espaço são realizadas as atividades mais nativistas, onde se ouve musica de raiz e pratica-se a mateada com causos e prosas entre os sócios e convidados. Essas cinco atividades em conjunto com as Missas Crioulas e a Semana Farroupilha, que representam as principais manifestações culturais do CTG, são responsáveis pela difusão dos seus usos e costumes pela sociedade.

Além disso, o CTG organiza atividades como: jantares dançantes, comumente mensais, onde não é mais obrigatório participar "pilchado"[5], com a indumentária gaucha original; noite da poesia que é realizada bimestralmente no galpão Fogo de Chão; shows culturais, rodeios, a comemoração da semana farroupilha com uma programação cultural extensa; jantares beneficentes realizados juntamente com o Rotary e o Lions; e o Festival de música anual "O encontro das águas" onde são apresentadas apenas musicas inéditas e tradicionalistas. Fora isso, o Charrua participa de encontros culturais em outros CTGs, em comunidades, colégios, rodeios

[2] Competição entre os peões (homens) que consiste no ato de laçar o boi. Nesta modalidade o gaúcho solta o boi na cancha de rodeio e o persegue com seu cavalo empunhando um laço de 8 ou 12 braças (cada braça mede aproximadamente um metro). Esta modalidade é constituída por equipes, e a equipe que obter mais armadas, dentro de um determinado espaço na cancha de rodeio, é a vencedora.

[3] Competição entre peões que realizam uma prova de baliza de ida e volta (cerca de 20m a 30m) utilizando tambores ou postes como obstáculo.

[4] Competição entre os peões que consiste na montaria de cavalos chucros (que nunca foram domados). O peão que permanecer por mais de 8 segundos em cima do lombo do cavalo, sem utilizar as duas mãos, é considerado favorito para vencer esta prova.

[5] Para os peões (homens) a indumentária consiste em chapéu, lenço, camisa, guaiaca, bombacha e bota. As prendas(mulheres) usam o vestido, por baixo usam a "bombachinha" e sapatilha.

e competições artísticas em toda a região.

O que se pôde observar é que a organização das atividades volta-se totalmente para a preservação da memória. Percebeu-se que a indumentária não é mais exigida, para que todos tenham acesso aos fandangos realizados, mas mesmo assim, os participantes tradicionalistas continuam trajando-se como gaúcho, sendo os homens de bombacha e as mulheres com vestidos de prenda.

O que se preza na instituição é a convivência em um ambiente familiar e de respeito, onde a cultura gaúcha é colocada em primeiro lugar e as manifestações culturais são valorizadas, com o objetivo de manter e seguir vivendo os costumes herdados. Desta forma, é possível identificar que o CTG Charrua é um espaço onde as pessoas se reúnem porque se identificam com local e com os costumes. Um galpão com estilo de estância lhes permite reviver no presente urbano um passado rural e de harmonia entre as famílias participantes, preservando assim, os traços da cultura gaúcha.

Assim como essa agremiação ora analisada, representa a cultura gaúcha na cidade de Foz do Iguaçu, existem outros estabelecimentos como restaurantes tipicamente gaúchos, que seguem uma estrutura e cardápio que remete a identidade deste grupo. Como a cidade é pluricultural, procuramos identificar estes estabelecimentos a partir do Inventário Turístico da Cidade, de 2009. Neste instrumento metodológico de levantamento e registro dos atrativos, serviços, equipamentos e infraestrutura de apoio ao turismo, que serve como instrumento base de informações para a gestão da atividade turística, encontramos o registro de 235 estabelecimentos gastronômicos na cidade, dos quais 11 são especializados em iguarias gaúchas, conhecidos normalmente como "Churrascaria".

Por sua vez, a maioria dos estabelecimentos que se remetem a cultura gaúcha servem apenas o churrasco como produto gastronômico sem associá-lo ao legado cultural atrelado a ele. Porém, um deles se destaca como tipicamente gaúcho que, em toda sua estrutura, busca representar os usos e costumes do grupo, valorizando os aspectos imateriais que contribuem para a manutenção da memória coletiva.

O estabelecimento Recanto Gaúcho é uma churrascaria temática que faz uso da cultura gaúcha como atrativo, tanto pela culinária como através da cultura

material e imaterial. O local é propriedade de uma família oriunda do Rio Grande do Sul, que a partir do próprios pertences e de doações, constituíram um acervo da memória da migração gaúcha para a cidade, que fica exposta por toda a sua estrutura. O espaço busca fazer com que o visitante seja envolvido no imaginário gaúcho e viva a experiência de estar em um espaço que o remeta a sentir-se no Rio Grande do Sul.

Segundo nossas observações, o restaurante para (re)construir o sentimento de espaço gaúcho no visitante oferece comidas típicas, passeios a cavalo, uma área de lazer com piscina e playground, tirolesa além área para a exposição cultural da memória gaucha. Conta com apresentações culturais de dança e música, além do uso da indumentária tradicional durante todas as suas atividades. O cenário, mesmo artificial, remete a uma representação do patrimônio tangível e intangível.

Desta forma, o restaurante consegue reconstruir e assim preservar a memória do ser gaúcho e, ao mesmo tempo, fazer disso um produto ao público, a partir do desfruto de um espaço com várias manifestações culturais, ou seja, na gastronomia, na indumentária, nas músicas, danças, causos e poesias.

Em outro foco da nossa pesquisa, foram colhidas informações sobre as rádio da cidade e região que possuem programação gauchesca. Os resultado apontou que três tem programação especificamente de cunho cultural gaúcho. Os programas já possuem desde o nome, características que representam o grupo, mas também no linguajar e costumes expressos. São eles o Canto Pampeano e o Campo Afora, da rádio Cultura AM, com 23 anos e 2 anos respectivamente, A Hora do Passa Cuia, da Rádio Mundial FM com 10 anos e O Canto da Fronteira, da rádio 97 FM, com 6 anos.

A partir deste primeiro diagnóstico, aplicamos um questionário aos representantes das rádios, sobre a programação de cunho gauchesco. Já, de antemão, foi possível identificar características culturais nos programas, principalmente os de caráter imaterial, tais como a música e a poesia. Ao mesmo tempo, expressam e difundem ideais do grupo através de histórias e tradições.

As características comuns dos programas são: a existência de apresentações artísticas musicais ao vivo, anúncios de eventos tradicionalistas e entrevistas com personalidades gauchescas. Essas características contribuem para o fortalecimento,

a manutenção e a difusão da memória coletiva de um grupo que compartilha a mesma identidade. Essas programações acabam por cumprir um papel de socialização dos costumes e tradições, sejam elas materiais ou imateriais ao público ouvinte, dando-lhes visibilidade. De forma geral, pode-se dizer que os exemplos radiofônicos cumprem o papel de estabelecer fronteiras entre os que são ou não adeptos dessa cultura.

Por fim, nossa atenção se voltou para a comercialização da cultura gauchesca, por meio da veiculação de comerciais, principalmente de restaurantes. As respostas indicaram que muitos estabelecimentos utilizam o espaço da programação para divulgarem seus produtos. Aqui a característica cultural assume outra feição, uma vez que a memória e a identidade estão vinculadas ao aspecto econômico. Mesmo assim, os comerciais das empresas acabam cumprindo um papel de difusão da cultura gaúcha, pois, ao mesmo tempo em que podem trazer retornos financeiros ao anunciante, motiva os ouvintes a "experimentar" um pouco de cultura de um grupo através das referências imateriais presentes no patrimônio gastronômico.

A importância do Turismo Cultural: Possibilidade de valorização da cultura gaúcha.

Existem muitas discussões acerca da exploração turística dos valores culturais de uma comunidade ou região, principalmente quanto ao retorno positivo para a população receptora. Alguns autores afirmam que o turismo transforma o que toca em artificial (Carlos, 2002, p.26), justificando que ao comercializar as atividades culturais a comunidade passa a apenas encenar, fazendo que a comunidade perda seu valor identitário. Porém, outros autores como Barreto (2006, p.8) acreditam que o turismo seja um estímulo à manutenção da identidade das populações receptoras.

Nesta abordagem aproximamos as discussões da implantação da atividade turística para a conservação e difusão da cultura gaúcha de Foz do Iguaçu. Estudando a potencialidade desta atividade. Considerou-se que, segundo Barreto,

> "Analisando o turismo segundo o critério de motivação, aparece uma quase infinita variedade de possibilidades, que podem ser agrupadas em duas

> grandes divisões, o turismo motivado pela busca de atrativos naturais e o turismo motivado pela busca de atrativos culturais. Assim, entende-se por "turismo cultural" todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas alguns aspectos da cultura humana. Esse aspecto pode ser a história, o cotidiano, o artesanato, ou qualquer outro dos inúmeros aspectos que o conceito de cultura abrange" (2006 p. 19 – 20)

Percebe-se o grande potencial da cidade, lembrando que já se desenvolve o turismo na área natural e que este pode expandir o seu trabalho à área cultural.

A cultura gaúcha, como já foi mencionada, tem representatividade e possui um patrimônio cultural constituído na cidade, com seus usos e costumes sendo reafirmados constantemente. Dessa forma, o turismo que tem como papel, em muitas sociedades, o de redescobrimento e valorização de sua identidade cultural, em Foz do Iguaçu poderá, através de uma educação patrimonial na comunidade, revelar e reafirmar as raízes identitárias dessa sociedade multicultural.

Outro ponto importante é a necessidade de uma cidade turística de reafirmar seu potencial no mercado e para isso necessita-se de um diferencial perante outros atrativos.

> A atratividade dos destinos turísticos é extremamente dinâmica. Uma localidade que hoje possui grande procura, no futuro pode acabar caindo no esquecimento. Como forma de evitar que isso ocorra, deve-se presar pela valorização dos traços característicos da localidade. Dessa Forma pode-se adquirir um diferencial. (Bussons, Hamabata, Gonçalves, 2005p.8)

Consideramos também que o turismo é uma atividade que constitui-se por animação, e seu maior valor agregado são as manifestações culturais, as tradições, os hábitos, usos e costumes autênticos da comunidade receptora (Tomazzoni, 2009 p.98). Vê-se então a necessidade que existe na cidade de ter um atrativo cultural que represente pelo menos uma parcela da cultura encontrada no seu espaço. E para que a atividade seja autêntica a comunidade precisa sentir-se pertencer àquela identidade cultural, e consequentemente ser uma atividade que valorize a sua cultura e não apenas uma pratica comercial com fins econômicos.

Segundo as analises elaboradas, o turismo cultural tem muito a colaborar com o desenvolvimento da comunidade e também da atividade turística da cidade. Percebe-se que a atividade turística é uma das formas mais eficientes de preservar o patrimônio tanto tangível como intangível pois viabiliza economicamente a sua

manutenção, e também porque tem o capacidade de reafirmar a memória da comunidade receptora e ao mesmo tempo difundir seus valores para os visitantes mantendo vivas suas tradições.

Mas para que o turismo possa contribuir para a recuperação da memória coletiva Barreto (2006) ressalta a importância da implementação do planejamento adequado para a atividade turística com base no legado cultural, pois dessa forma é possível analisar qual é a disponibilidade e as necessidades da comunidade receptora, onde enfatiza a importância da pesquisa, a realização de um roteiro e o controle de capacidade de carga para um funcionamento sustentável visando a preservação do patrimônio com uma atividade saudável.

Considerações finais

A partir do recorte que definimos, apontam para a compreensão de que o processo de migração para a região foi dirigido e os elementos que se fixaram neste espaço, construíram e reconstruíram suas referências de memória. Os migrantes trouxeram para o oeste paranaense sua memória e identidade cultural, inserindo-as no novo espaço, por meio de suas experiências e conhecimentos aplicados a ocupação, como também, nas suas representações e símbolos difundidos pelos seus usos e costumes. Estas considerações permitem reconhecer a memória como intrínseca da identidade, o que por sua vez, permite estabelecer a idéia do *nós.* Portanto, é uma definição que consolida a compreensão da identidade como relacional, o *nós* frente aos *outros*.

Neste sentido, a que cultura serve para identificar as distintas representações sociais de indivíduos e grupos na sociedade através dos seus costumes. Assim os gaúchos em Foz do Iguaçu têm sua cultura como evidência, já que ela se apresenta em uma formação multicultural, com a presença de vários grupos de migrantes. Isso pôde ser visualizado a partir indícios de uma memória já estabelecida e indicações materiais de sua cultura como no exemplo dos dois CTG's, O Charrua e o Estancia Crioula, que usam memória para reconstruir o passado, vinculada as referências de usos e costumes herdados, nas manifestações culturais e gastronômicas e em atividades desenvolvidas, o que acaba assumindo a função de preservação e

difusão de seus patrimônios.

A partir do exemplo estudado, é possível perceber que a memória é fundamentalmente construída e herdada e que tem a capacidade de ser tanto individual como coletiva. Portanto, ela serve para alicerçar o sentimento de pertencimento das pessoas com a história de um grupo, formando assim sua cultura. Essa percepção auxilia o entendimento e a observação da constituição do patrimônio cultural da cidade, permitindo identificar os efeitos causados pelo tempo e espaço na interação entre as diversas culturas e a atividade turística.

A priori, cabe destacar que compreendemos que o patrimônio histórico cultural é um bem destinado ao usufruto de uma comunidade e está constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum e remete a uma instituição e a uma mentalidade (Choay, 2006, p.11). Neste sentido, é possível afirmar que na cidade de Foz do Iguaçu os gaúchos constituíram um patrimônio cultural tangível e intangível, pelo qual conseguem preservar suas memórias e difundir seus usos e costumes por meio de práticas continuas.

Essas reflexões nos aproximam da questão de como preservar o patrimônio, sem destruí-lo, pela desvalorização ou pela ação desenfreada da exploração turística. A respeito, nos aproximamos de Lemos (2004, p. 69) que expressa que “a primeira norma de conduta ligada ao “como preservar” é manter o bem cultural, especialmente o edifício, em uso constante e sempre que possível satisfazendo os programas originais”. Aproximando essa assertiva das nossas análises, foi possível compreender a necessidade de manutenção do patrimônio tangível e intangível sempre em uso, pois dessa forma, o preserva a partir da vivencia e, ao mesmo tempo, fortalece a memória e a identidade do grupo.

Neste ponto cabe uma reflexão sobre o papel da identidade nesse processo. Seguindo a visão do sujeito sociológico definida por Hall (2006, p. 12), a identidade é formada através da interação contínua de uma pessoa com a sociedade. Sendo assim, o espaço onde a pessoa esta inserida determina a sua identidade. Aqui sobressalta a observação de como a globalização pode influenciar na construção da identidade, pois a característica desse processo é a diminuição do espaço e tempo no mundo fazendo com que as diferentes culturas fiquem mais integradas e

unificadas. Mesmo assim, percebemos que apesar da interação intensa entre culturas diversas em Foz do Iguaçu, como conseqüência da globalização, os grupos valorizam sua memória social, evitando a unificação dos seus costumes, pois essa resistência serve para reafirmar sua identidade cultural.

Aproximando essas questões dos gaúchos é possível definir que a preservação dessa identidade está associada manutenção de suas tradições. Pois, através destas práticas de natureza simbólica, ritualizadas ou praticadas no cotidiano, conseguem estabelecer uma noção de coerência entre passado e presente.[6] Isso nos leva a concluir que mesmo esse grupo tendo um contato com muitas outras culturas, ainda preserva seus símbolos, usos e costumes, de forma a manter suas tradições e as usa na difusão de sua memória. A partir desse processo consegue dar visibilidade a sua identidade. Aqui se percebe que a globalização não conseguiu acabar com a tradição. Mesmo porque, historicamente os gaúchos estão habituados a se relacionarem diretamente com outras culturas, sendo sua própria cultura resultado dessa interação.

Por fim, tentando aproximar essas reflexões ao turismo, cabe frisar que essa atividade nem sempre valoriza o patrimônio cultural. Pois, como destaca Margarita Barretto, “A crítica é quanto a transformação do patrimônio em bem de consumo. O patrimônio deixa de ser valioso por sua significação na história ou na identidade local e passa a ser valioso porque pode ser “vendido” como atrativo turístico ”(2006, p.32).

Nessas atividades foi possível identificar a manutenção da memória social coletiva, a partir do sentimento de pertencimento ao grupo por parte dos seus integrantes, que praticam seus usos e costumes. Esse esforço de manter as tradições gaúchas e a difusão de valores e ideais através destas práticas, reforça a identidade dos seus membros. Desta forma, percebe-se que é de interesse da comunidade gaúcha a difusão de sua cultura e, para isso, conjectura-se que uma das formas possíveis para alcançar esse êxito, possa ser através da atividade turística. Contudo, ressalta-se que para a utilização do patrimônio cultural gaúcho no turismo precisa-se analisar quais podem ser os efeitos negativos e positivos da atividade sobre o patrimônio em questão. Ao mesmo tempo necessita-se a

[6] Aqui cabe ressaltar que a obra *A Invenção das tradições*, organizada por Eric Hobsbawm e Terence Ranger, foi muito elucidativa para a compreensão do conceito de tradição.

implantação de um planejamento adequado para o turismo cultural, visando a sustentabilidade da ação e a valorização do grupo.

Bibliografia

BARRETO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural: As Possibilidades do Planejamento**. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

BATISTA, Olávio B. **CTG Charrua 20 anos de Cultura e História.** Foz do Iguaçu, s/e, 2005.

BRUM NETO, Helena; BEZZI, Meri L. **Regiões culturais: A construção de Identidades culturais no Rio Grande do Sul e suas manifestações na paisagem gaúcha**. *Sociedade & Natureza*. Dez. 2008, Uberlândia, 20 (2): 135-155.

BUSSONS, Alice Mussulini; HAMABATA, Karla Medeiros; GONÇALVES, Pedro Ivo Ferreira. Importância do Turismo para a Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural. In: BAHL, Miguel; MARTINS, Rosilene Conceição Rocha; MARTINS, Sérgio Fernandes. **O Turismo como Força Transformadora do Mundo Contemporâneo** (Coletânea do XXV CBTUR – Congresso Brasileiro de Turismo 2005) – São Paulo: Roca, 2005, p. 1-13.

CARLOS. Ana Fani Alessandri. O Turismo e a Produção do Não-Lugar. In: YAZIGI. Eduardo; CARLOS. Ana Fani Alessandri; ARIZA DA CRUZ. Rita de Cassia. **Turismo, Espaço, Paisagem e Cultura**. Ed Husitec. São Paulo, 2002, p. 95-114.

CATTA, L. E. **O Cotidiano de uma Fronteira: a perversidade da modernidade**. Cascavel: Edunioeste, 2003.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. 3 ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

GREGORY, Valdir. **Os Eurobrasileiros e o Espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWN, Eric. RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KLAUCK, Samuel. A Fronteira do Oeste do Paraná: narrativas de desbravamento, imaginários e representações. In: ARRUDA, Gilmar (org.). **Natureza, Fronteiras e Territórios: Imagens e Narrativas**. Londrina: Eduel, 2005, p. 243-278.

LEMOS, Carlos A. C. **O Que é Patrimônio Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. 1992, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obraberos, mensus e cololos: história do oeste do paranaense**. 2 ed. Curitiba: Ed. Vicentina, 1987.

TOMAZZONI, Edgar Luis. **Turismo e Desenvolvimento Regional: Dimensões, Elementos e Indicadores**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2009.